

Missão Militar Francesa

Jonas Correia Neto

.....

A Missão Militar Francesa, que aqui funcionou, conosco e para nós, entre 1920 e 1940, é hoje quase desconhecida. Está meio esquecida. Porém, em certo período axial de nossa História Militar, teve presença e ação destacadas.

A Missão (MMF) era integrada por militares do Exército francês, na maioria oficiais superiores, meticulosamente escolhidos pela sua alta chefia para realizar trabalho exigente e importantíssimo no nosso país, sobre o qual pouco ou nada sabiam.

Veio a MMF para cá no cumprimento de um contrato que possibilitou o intercâmbio cultural e militar entre Brasil e França com muito sucesso durante vinte anos.

Foram anos atarefados, afanosos. Houve constante progresso na busca dos fins colimados, com resultados gradualmente mais recompensadores, tanto para os militares franceses, que foram se ambientando e se revezando na Missão, quanto para a instituição Exército Brasileiro.

Não fora fácil, anteriormente, superarem-se as querelas e firulas no tocante à vinda de uma missão militar estrangeira, para nos assessorar e ensinar, tirando-nos de um atraso debilitante e desanimador.

Questões essenciais umas, irrelevantes outras, foram todas levantadas, utilizadas e remexidas pelos



interesses e opiniões que se debatiam em uma porção de foros. Em posição central nos debates, estava o Exército, carente de lufada de modernização pretendida e consciente da urgência.

O quadro geral visível era preocupante. Vultos ilustres, esclarecidos e patriotas insistiam na pronta recuperação do Exército, cujo ministro civil, Calógeras, chegou a lançar ao Parlamento esta capital pergunta: “O Brasil quer possuir um exército? Se quer, é porque reconhece sua necessidade. Então, tem-se de lhe assegurar as condições para realizar o papel que lhe compete – e isso não pode ser mais postergado.”

Afinal, entre a Alemanha (vencedora da distante guerra de 1870) e a França, vencedora da Primeira Guerra Mundial e culturalmente muito mais aproximada do Brasil, optou-se por trazer os franceses.

Afirma um historiador francês atual (nosso amigo Jean Pierre Blay) que “a Missão era necessária

ao Brasil, e era essencial para a frágil liderança da França”. Para a França pós-Versalhes, era coisa muito séria, cuja importância estratégica e diplomática se desvela na composição inicial da MMF, pois o General Gamelin – seu instalador – era uma das personalidades símbolos da vitória de 1918.

Via-se, na programação que regulava os primeiros relacionamentos, que os profissionais que compunham a Missão viriam para revolucionar o estilo, os conhecimentos, a capacidade de ação do nosso Exército. Em linguagem chã, viriam para desestagná-lo. As mudanças introduzidas nele seriam impulsionadoras de notável evolução. Começariam pelas medidas documentais e organizacionais, des-

esforços: a Escola de Estado-Maior e a nova Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Fazendo que a MMF atuasse logo nas escolas mais importantes para o aprimoramento cadenciado do oficialato, do capitão ao coronel, a Força Terrestre confirmava sua intenção reformadora, que também era soerguidora.

Quanto à Escola Militar, o berço da preparação para o oficialato, uma inexplicável decisão fez que ficasse fora da ação direta da Missão. Receio e prevenções neutralizadoras, pruridos exagerados seriam causadores dessa discriminação. Entretanto, naquela Escola já vinham-se impondo, desde o começo de 1919, uma nata de oficiais selecionados por concurso prático: eram os instrutores da chamada “missão indígena”. Eles eram idealistas e pragmáticos; chegada a MMF, buscaram conhecer as novidades trazidas por ela e passaram a usá-las, dentro das limitações do seu escalão – menor, porém básico. Pode-se dizer que já estava aí uma parte do “efetivo MMF” afirmando-se.

Em 1924, corrigiu-se a anomalia e ao Realengo também acorreram os mestres franceses, dando aos jovens alunos um suporte profissional rico em ensinamentos, dos melhores da época no mundo.

Outras escolas foram abarcadas, ou criadas, como as de Aviação Militar (que já vinha funcionando, em moldes próprios, havia alguns anos, com instrutores também franceses), de Intendência, de Ad-



Chegada da Missão Militar Francesa ao Brasil: impulso à reforma do Exército. À esquerda, primeiro plano, o Gen Maurice Gamelin. Ao seu lado, o Gen Durandin.

de logo estabelecidas e aos poucos postas em execução; e alcançariam, em curto prazo, um efetivo primordial ao êxito: a alteração positiva da mentalidade militar imperante.

O fator preponderante para os bons resultados encontra-se nos próprios locais de aplicação dos

ministração Militar, de Veterinária. Projetava-se paulatinamente o trabalho da MMF, que transcorreria sempre com muito vigor e enorme sucesso.

A partir das escolas, os conhecimentos, após absorvidos e adequados à realidade brasileira, iam sendo apresentados – pelos assessores da Missão e pelos brasileiros por ela instruídos – aos altos órgãos militares (notadamente o Estado-Maior do Exército) aos grandes comandos de área e operacionais e às demais organizações militares, de tropa e de serviços.

Sob a orientação, a condução, a supervisão (até a direção, em alguns casos) dos oficiais franceses, verificou-se revigorante guinada nas condições de funcionamento do Exército, seja nas atividades-fim, seja nas atividades-meio, como seria de se esperar. O ensino militar e a administração militar, em todos os níveis, rapidamente deram saltos de qualidade. Foram criados alguns órgãos específicos para o atendimento das novas recomendações do surto de mudanças; outros, existentes, foram reformulados ou extintos.

A instrução da tropa, sim, teve uma reviravolta, transformando-se, pouco a pouco, de monótona, nada prática (quando havia...) em dinâmica, objetiva; passou da inércia à movimentação, embora ainda não à sonhada eficiência, que dependia de outras condicionantes, a maioria alheia à Missão.

Os exercícios em campanha – nome pomposo para o que se fazia – procuraram sair dos terre-



nos próximos aos quartéis para outros melhores, capazes de proporcionar os espaços e aspectos topográficos requeridos. Alguns campos de instrução, disponíveis, (Saicã, Gericinó e poucos mais) começaram a ser utilizados com percepção do seu valor para a instrução e, sobretudo, para o adestramento.

O que se fazia ainda era pouco, mas criavam-se hábitos que permaneceriam. Tradicionais exercícios, sabidamente ultrapassados, por inócuos, foram cedendo lugar a manobras mais objetivas, com

ênfase na ação de comando, no fogo e no movimento, na segurança, no emprego útil do material bélico, no funcionamento azeitado e oportuno dos apoios e serviços.

O empirismo, a cópia servil de planos e ordens foram naturalmente abolidos. Privilegiou-se o estudo de situação, cujo mérito era ressaltado e que se tornou relevante nos estudos militares, como ponto essencial da arte de comandar.

É evidente que tudo isso não aconteceu de pressa, nem certinho, nem em toda parte. Os trabalhos foram sendo realizados aos poucos, com persistência e esforço, com devotamento. Seus produtos foram aparecendo, ora mais ostensivos, ora mais modestos; já era muito no lugar de quase nada. Muitíssimo foi feito. O principal foi a sacudidela na nossa mentalidade, afrouxada por anos e anos de desatenção com as coisas castrenses e de despreparo profissional reconhecido e não corrigido. Agora, o

compromisso recíproco com a MMF nos impunha que houvesse energia para a superação dos óbices.

Havia questões que levavam a discussões homéricas e a posições irredutíveis. A mais gritante, por óbvio, era a doutrina. Custou, até ficar claro que não nos seria imposta uma doutrina militar francesa, mas que iríamos, isto sim, aproveitá-la para reajustar a nossa (se é que realmente tínhamos uma consagrada, merecedora do título). Os franceses mesmos tiveram a correção e a iniciativa de discutir conosco as colocações que pareciam melhores, em face das condições brasileiras – geográficas, geopolíticas, sociológicas, econômicas, históricas...

Foi a Missão que nos despertou para a relevância de pensarmos competentemente na guerra, de estabelecermos uma concepção plausível da nossa guerra. Guerra essa que – podemos concluir – não seria uma rígida defensiva à outrance, não seria uma atitude passiva; ao invés, seria uma postura dinâmica, desgastante do inimigo, preparatória de uma contra-ofensiva pronta, bem montada e desencadeada, decisiva. Portanto, uma disposição ofensiva.

Ao contrário do que geralmente é acreditado e repetido, ao se engalfinharem na Primeira Guerra Mundial, tanto a Alemanha quanto a França estavam imbuídas da mesma idéia básica: ofensiva. Na Alemanha, era antigo posicionamento, decorrente



da crença exaltada nas vantagens da iniciativa do ataque, com surpresa e potência. Na França, devia-se à teimosa pregação, por anos a fio, do General Foch aos seus alunos e comandados: “A vontade de conquistar é a primeira condição da vitória”. Os instrutores franceses não estavam amarrados a uma prioridade defensiva. As excelentes aulas de História Militar, a qual estava nos currículos das escolas, expunham as campanhas de campeões da guerra (Napoleão à frente, como devido), onde

a única constante era a consecução da vitória. Agressividade, não tibieza.

O corpo de doutrina consolidada na documentação de base, elaborada sem demora, definia e explicitava, em seu conjunto fracionário mas integrado, nossa nova formulação doutrinária. Ligado a isso, apareceram os regulamentos e instruções para: Serviço em Campanha; Serviço de Estado-Maior em Campanha; Comando e Emprego das Grandes Unidades; os Exercícios e o Combate da Infantaria; os Exercícios e o Combate da Cavalaria; os Exercícios, Emprego e o Tiro da Artilharia; Observação Aérea; Regulação do Tiro de Artilharia; Inspeções, Revistas e Desfiles; Emprego dos Meios de Transmissões; Alimentação em Campanha; Serviço de Retaguarda; Instrução Física Militar; Minas; Pontes; Manobras (com atenção para as armas e os engenhos especiais) etc.

Houve uma massa de trabalho e de produção que surpreende pela rapidez do apronto (em

dois anos, a maior parte estava terminada, por tradução adequada ou por elaboração integral), além do cuidadoso e exato conteúdo; e a seguir, pela sua difusão escalonada – escolas, estados-maiores, tropa – para que fosse evitado alimentar qualquer choque, Brasil a fora, entre oficiais desnivelados na cultura profissional.

Quanto ao material bélico, a sugestão apresentada no programa de aquisições foi conseqüente a um primeiro contato feito pelo chefe da MMF com organizações militares brasileiras (na capital e no sul), ainda antes e logo no início do funcionamento da Missão. Ali se mostrava a necessidade de se obterem canhões e obuseiros para a Artilharia, petrechos leves e pesados para a Infantaria, carros de assaltos para a Cavalaria, equipamentos de pontes (de pontões) para a Engenharia, material de transmissões, aeronaves

de caças, de reconhecimento e observação e de bombardeio etc. O Brasil encomendou o que nos foi possível. Recebemos muita coisa, mas a aproximação da Segunda Guerra Mundial travou os negócios em andamento.

As “grandes manobras” em Saicã (RS), no primeiro quadrimestre de 1922, constituíram-se na prova concreta do aproveitamento dos quadros dirigentes e executantes. Da tropa é fato que ainda não tanto. Outros exercícios e manobras, em diversas áreas, cada vez mais volumosos, complexos e com-

pensadores, porque plenos de ensinamentos, foram executados enquanto aqui permaneceu a Missão.

Diversos exercícios de quadros foram realizados, em salas e no terreno; eventualmente, com frações de tropa, sendo visado o treinamento dos oficiais. Para esse fim, organizaram-se jogos de guerra, de muita valia, embora rudimentares, se comparados aos sofisticados de hoje.

Seria bom que pudéssemos nos deter em comentários acerca do pessoal engajado, componente da



Instrutores franceses e auxiliares brasileiros de Infantaria: em pé Cap Otávio da S. Paranhos, Cap Lamartine P. Paes Leme e Floriano de Lima Brayner. Sentados: Maj Raymond-Dumay, Ten Cel René Corbé e Henri Pauchaud e Cap Rodolpho G. da Paixão Filho. EsAO – 10 junho de 1929.

Missão. Durante a vigência dos sucessivos contratos, com renovações e alterações textuais, mais de cem oficiais franceses, além de uns poucos suboficiais e especialistas, preencheram os efetivos funcionais. E cabe lembrar que, à chegada do primeiro escalão da MMF, havia mais de um ano que já se encontravam no Brasil os membros da missão aeronáutica, instrutores e cooperadores da Escola de Aviação Militar (do Exército), que iria ser absorvida no conjunto MMF.

Nesses dois decênios, houve muitas movimentações. Uns iam-se embora daqui, por tempo findo

ou para nova comissão; outros chegavam para servir entre nós. Seus nomes estão registrados, ainda que existam muitas lacunas, inexplicáveis e lamentáveis. Somos gratíssimos a eles. Traziam considerável credenciamento profissional, ilustrado por dois cunhos insígnias: a primorosa formação (a maioria era saída da escola de Saint-Cyr, outros da politécnica, de Versalhes, de Saumur) e a aplicação incomparável na guerra. Nesta, todos eles haviam participado; quase todos entraram diretamente em combate; muitos foram feridos em ação. A Cruz de Guerra e a Legião de Honra eram condecorações que portavam orgulhosamente. Tudo isso era motivo de confiança. Alguns deixaram renome bastante saliente, no meio militar brasileiro, não só pela capacidade como pela personalidade cordial, gerando admiração e amizades duradouras. Certo de cometer injustas omissões, citamos: os infantes Dérangement, Corbé, Carpentier; os cavalarianos Gloria, Dalmassy, Durosoy Battisteli; o engenheiro (pontoneiro) Gueriot; os artilheiros Pascal, Weller. Mas não nos contemos em ainda pôr mais um foco de luz nas figuras emblemáticas dos comandantes Battisteli, o esplêndido cavaleiro, e Weller, o virtuoso do tiro de Artilharia, padrão de “capitão de GA Cav”.

Resta-nos falar daqueles que suportaram o peso da chefia, muito solicitada, que tiveram a tarefa permanente de conduzir os trabalhos a cargo da Missão, otimizando o planejamento e o desenvolvimento, e que o fizeram com responsabilidade, competência, profissionalismo, firmeza e habilidade. Não é uma qualificação vã; é um rol de características fundamentais ao exercício correto e proficiente do elevado cargo.

Começamos pelo General Maurice Gamelin, o sério, entusiasmado e ativo instalador da MMF, autor do primeiro programa-sugestão a ser cumpri-

do e que foi o farol a iluminar todo o período. De passagem, convém acentuar que o ostracismo em que depois caiu – engolfado, inerte, perplexo – na tragédia francesa de 1940 não invalida, nem sequer mancha, sua estrutura de chefe.

Depois dele, que atuou durante quase cinco anos, estiveram à testa da Missão, em seqüência e por períodos diferenciados, os generais Frédéric Coffec, Joseph Spire, Charles Huntzinger, Paul Noel e Georges Chadebec de Lavalade. Nos intervalos, chefiaram interinamente os generais Eugène Durandin e Jacques Baudoin, antigos integrantes da MMF. Todos eles fizeram jus, com seus comandos, aos encômios e aos agradecimentos dos colegas brasileiros – alunos, instrutores colaboradores.

Tem-se de afirmar: o legado da Missão Militar Francesa ao nosso Exército foi extraordinário!

Ainda nos valemos dele. Foi aquilo que pôde ser, em vista da situação em que se debatia o Exército, lá por 1918/19, e da problemática interna do País justamente em 1922 e 1938. Ainda assim, foi muito. Porém, o melhor comprovante da excelência do trabalho da Missão está em que o desenvolvimento alcançado pela nossa Força Terrestre, graças ao influxo da sua ação, permitiu que, ao entrarmos na Segunda Guerra Mundial, possuíssimos quadros de oficiais aptos a agir bem na resposta corajosa aos graves desafios militares, como é exemplo grandioso a epopéia da FEB, para honra da nossa Pátria.

Somente essa distinta participação bélica seria suficiente para o reconhecimento dos magníficos serviços prestados pela Missão.

Jonas Correia Neto – General-de-Exército, natural da Cidade do Rio de Janeiro. Foi Ministro Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

É Aspirante-a-oficial da arma de Cavalaria, da turma de 1945, Turma Escola Militar do Realengo. Atualmente, é 1º Vice-Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.